

JOÃO RAMALHO – BANDEIRANTE DE VOUZELA

João Ramalho Maldonado, ou só João Ramalho, nasceu em Vouzela, Distrito de Viseu, muito provavelmente na Quinta de Valgode, que pertenceu à família Malafaia, filho de João Velho Maldonado e de Catarina Afonso Valbode, de onde deriva a designação posterior de Valgode.

Cedo contraiu matrimónio com Catarina Fernandes das Vacas, que ficou grávida quando ele embarcou para o Brasil, conforme consta do seu testamento feito em São Paulo de Piratininga, pelo tabelião Lourenço Vaz, em 1580.

Não se conhecem os motivos que o levaram a demandar Terras de Vera Cruz. Há quem opine que fez parte da armada de Pedro Alvares Cabral e que, tendo naufragado, foi dar à costa brasileira; também há quem defenda que terá sido desterrado para aquelas paragens por algum crime cometido em Vouzela; finalmente, há quem pense que se terá apresentado como voluntário, após a descoberta do Brasil, para iniciar a conquista daquelas terras e daí a sua incursão pelos bandeirantes.

De concreto, apenas se pode afirmar o que se refere a Crónica do Brasil (L.I – n.º 77) ao mencionar a excomunhão de João Ramalho, em 1549, “por andar amancebado, há quarenta anos, com Bartira, filha de Tiribiçá”, daqui se concluindo que a sua estada no Planalto era já desde 1509. No entanto, pela leitura das cartas da Companhia de Jesus, algumas delas rubricadas pelo Pe. Serafim Leite, num trabalho publicado na Revista Brotéria, que o Patriarca dos Bandeirantes deve ter chegado ao Brasil entre 1508 e 1511.

O enigma à sua volta é ainda maior porquanto se encontra no Arquivo Nacional da Torre do Tombo, em Lisboa, a sua Carta de Cavaleiro, datada de 1487, da Chancelaria de D. João II.

João Ramalho foi assim “cavaleiro, guarda-mor” do Rei.

Independentemente de se saber se partiu de livre vontade ou compelido como degradado, o certo é que aí chegado foi bem acolhido pelos Piratiningas que o terão levado para o sertão à presença do chefe índio

local Tibiriçá, mais tarde baptizado com o nome de Martim Afonso Tibiriçá. João Ramalho cedo se adaptou àquelas terras e gentes, vindo a juntar-se a Bartira, filha de Tibiriçá, depois baptizada com o nome de Isabel Dias. Esta união deu origem a uma grande estirpe, tronco de uma gigantesca família que se espalhou por todo o Brasil.

Ele foi um dos grandes obreiros da miscigenação indo-européia. A sua prole mameluca seguiu-o com a bandeira pelo sertão adentro, conquistando-o. Afrontando o matagal e as serras pelos trilhos índios dominou um vasto território. Foi um filho seu que guiou o Pe. Manuel da Nóbrega na sua incursão pelo sertão.

A importância da presença do João Ramalho na vida sertaneja brasileira foi extremamente significativa uma vez que aí chegado introduziu novos processos de administração, novos usos e costumes que implicaram necessariamente a religião e a língua. Foi graças à sua acção que os índios aprenderam a tapar as “enjúrias particulares”.

Claro que o facto de viver amancebado lhe trouxe problemas com a Igreja Católica, sendo mesmo excluído da participação eucarística. Certa altura, tendo teimado em assistir à missa foi expulso do templo pelo Pe. Leonardo Sousa, vindo a ser posteriormente excomungado. Aborrecido com a atitude do presbítero fez chegar ao Superior local dos Jesuítas uma denúncia sobre o comportamento de alguns sacerdotes que também pecavam contra a castidade, o que levou o Pe. Manuel da Nóbrega a tomar medidas drásticas sobre os seus companheiros prevaricadores.

No entanto, ao contrário do que seria de esperar perante tais factos, este acto aproximou João Ramalho do Pe. Nóbrega nascendo daí uma simpatia mútua, de tal forma que o sacerdote tudo tentou para lhe retirar a excomunhão e criar-lhe uma situação de dignidade moral e social. Assim, escreveu para os seus companheiros Jesuítas em Portugal, solicitando informação sobre a primeira mulher de Ramalho, pois caso fosse já falecida a situação seria normalizada.

Interessante verificar como o dinheiro foi desde sempre a mola providencial para tudo quanto seja complicação. E é assim que o Pe. Manuel da Nóbrega chega a referir na sua correspondência respeitante à referida averiguação que “se isso custar alguma coisa, ele o enviará de cá em açúcar”.

É provável que as investigações efectuadas em Vouzela tenham mostrado ser ainda viva a mulher de João Ramalho porquanto quando este fez testamento em 1580, Bartira, então Isabel Dias, não figurava como sua mulher mas sim como sua criada.

Chamavam-lhe o “Patriarca do Campo” pois fora o fundador da povoação de Santo André da Borda do Campo, localidade que esteve na génese da grandiosa cidade de São Paulo.

Foi Alcaide-Mor do Campo quando esta povoação foi elevada a Vila e a Município. Mais tarde foi-lhe atribuído o honroso título de 1º Capitão de Guerra de São Paulo.

Nos anos de 1557 e 1558 foi eleito Vereador da Câmara Municipal de Santo André da Borda do Campo.

Em 1560, por motivos circunstanciais, acabou por ceder ao desaparecimento de Santo André da Borda de Campo, tendo a população, a Câmara Municipal e o Pelourinho sido transferidos para São Paulo de Piratininga.

Com a instalação dos franceses em Guanabara começaram os ataques a Piratininga por parte dos índios Tamóias instalados pelos gauleses. João Ramalho foi designado, por decisão popular, para Capitão-Mor da Praça defendendo-a das investidas dos agressores.

Posteriormente a este acto de bravura começou, gradual e paulatinamente, a afastar-se da coisa pública, não aceitando o mandato de Vereador para que fora eleito em 1564.

Retira-se então para o Vale do Paraíba.

Já doente manda lavrar, a 3 de Maio de 1580, o seu testamento, vindo a falecer, em 1582, em plena selva, em lugar desconhecido.

É descrito como um homem de grande porte atlético, de cor morena tisonado pelo sol, possuindo barba extensa, e diz-se que antes de jantar fazia nove léguas a pé.

Foi este cidadão Vouzelense que levou a cultura europeia ao sertão brasileiro, empunhando a bandeira portuguesa e por isso a história cognominou-o de Patriarca dos Bandeirantes.

Por tudo isto o Brasil, Portugal e, em particular, Vouzela sentem natural orgulho ao pronunciarem o seu nome.

(texto extraído do livro *Um olhar sobre Vouzela* e elaborado por Maria Ester Vargas –
Docente da Escola Superior de Educação de Viseu)

